

# **DEMOCRACIA ILIBERAL: A NOVA TENDÊNCIA POLÍTICA DO SÉCULO XXI**

## **ILIBERAL DEMOCRACY: THE NEW POLITICAL TREND OF THE 21st CENTURY**

Ronaldo Leites da Silva<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo conceitualizar e analisar criticamente a nova tendência política do século XXI, a Democracia Iliberal. Para isso, é necessário observar as diversas modalidades de ruptura institucional domésticas causadas por movimentos iliberais e suas implicações no ordenamento internacional. O foco da pesquisa é conceitualizar este modelo democrático, mapeando suas características, traços comuns e métodos de implementação nas Democracias Liberais Ocidentais, além de compreender como as Relações Internacionais são influenciadas pelo rompimento de práticas ligadas ao Liberalismo Constitucional, o que possibilita a reflexão sobre o futuro da Democracia no século XXI.

Palavras-chave: Democracia Iliberal. Democracia no século XXI. Crise da Democracia Liberal. Relações Internacionais.

### **ABSTRACT**

This article aims to conceptualize and critically analyze the new political trend of the 21st century, Illiberal Democracy. For this, it is necessary to observe the various modalities of domestic institutional rupture caused by illiberal movements and their implications for the international order. The focus of the research is to conceptualize this democratic model, mapping its characteristics, common traits and methods of implementation in Western Liberal Democracies, in addition to understanding how International Relations are influenced by the disruption of practices linked to Constitutional Liberalism, which enables reflection on the future of democracy in the 21st century.

Keywords: Illiberal Democracy. Democracy in the 21st century. Crisis of Liberal Democracy. International Relations.

## **1 INTRODUÇÃO**

Durante o século XX foi notório que o regime de governo mais almejado foi a Democracia Liberal, possuindo lugar central nas discussões e na resolução dos problemas deste século em relação ao posicionamento do Estado no cenário internacional e por muitas vezes regrado o papel econômico e de relações de alinhamento estratégico durante a Guerra Fria. Com o final da mesma e a consolidação hegemônica deste regime, representado sobretudo pelos Estados Unidos, a busca e o desenvolvimento do regime democrático poderia ser considerado encerrado, “o fim da história” (FUKUYAMA, 1989).

No entanto, a consolidação da Democracia Liberal em países subdesenvolvidos foi constantemente minada por antigas influências internas e resquícios da bipolaridade da Guerra Fria. As constantes interferências elevaram o descontentamento com o regime democrático, resultando em instabilidades locais e regionais, além claro das primeiras sementes do

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Relações Internacionais da Universidade La Salle (UNILASALLE), matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II. E-mail: ronaldo.silva0355@unilasalle.edu.br, sob a orientação da Prof. Dra Tatiana Vargas Maia. E-mail: tatiana.maia@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 02/07/2021.

Iliberalismo Democrático que estava surgindo, porém sendo no século XXI que este novo modelo inflamado se expande para países desenvolvidos.

Este artigo tem como objetivo analisar e conceitualizar por meio de um estudo de natureza qualitativo bibliográfico, a definição de Democracia Iliberal com auxílio de base teórica e histórica, além de suas causas e características atuais, sendo como a nova tendência política do século XXI.

Inicialmente, trataremos sobre a conceitualização da Democracia Iliberal, e a suas implicações para as Democracias Ocidentais no Século XXI. Na segunda seção analisaremos o caminho de desenvolvimento das Democracias Iliberais, mapeando suas características e métodos de influência e implementação dentro do processo democrático Ocidental.

Já na terceira seção será abordado os impactos da propagação das Democracias Iliberais e como as Relações Internacionais podem estar regredindo ao modelo mais conservador, principalmente em temas como, guerra e diplomacia. Por fim, a reflexão sobre o futuro da Democracia, modelo historicamente em desenvolvimento, visando seu papel e influência dentro do Estado e na Política Internacional no século XXI.

O estudo deste tema é de extrema importância para o atual cenário político doméstico e internacional, tendo em vista a escassez de conceitualização e abordagens internacionais sobre o assunto, que se faz necessário para a compreensão de suas premissas e futuras implicações. Desta forma servindo como reflexão sobre o atual questionamento social sobre o futuro da Democracia. Ampliando a discussão do tema na Ciência Política e principalmente, nas Relações Internacionais.

## 2 CONCEITO DE DEMOCRACIA ILIBERAL

O termo Democracia Iliberal é relativamente recente na Ciência Política e nas Relações Internacionais, utilizado primeiramente por Fareed Zakaria em seu artigo para a revista *Foreign Affairs*, "The Rise of Illiberal Democracy," de 1997. Naquele momento Zakaria expressou sua preocupação com os processos de (re)democratização e suas diretrizes na América Latina, Europa Central e Oriental, como nos demais países subdesenvolvidos. Segundo Zakaria:

Regimes democraticamente eleitos, com frequência aqueles que foram reeleitos ou confirmados no poder por meio de referendos, têm ignorado rotineiramente os limites constitucionais a seus poderes e destituindo seus cidadãos de garantias fundamentais, [...] vemos a emergência de um fenômeno preocupante na cena internacional (ZAKARIA, 1997).<sup>2</sup>

A Democracia Iliberal, como movimento político com legitimidade, é uma preocupação para a comunidade internacional, como mencionou Zakaria, possuindo características democráticas de base, mas que possuem princípios e ações corrosivos dentro das instituições do Estado, nas liberdades fundamentais e sobretudo nos instrumentos de proteção democrática, na qual banalmente ignorado os limites constitucionais. Princípios e ações corrosivas analisados por Castells em sua obra intitulada "Ruptura: A Crise da Democracia Liberal" de 2017, observando que este "vírus" esteja chegando em Estados desenvolvidos, onde liberdades básicas e instrumentos constitucionais estão em risco. Segundo a visão de Castells, sobre Democracia Iliberal:

---

<sup>2</sup> Tradução do autor: Democratically elected regimes, often ones that have been reelected or reaffirmed through referenda, are routinely ignoring constitutional limits on their power and depriving their citizens of basic rights and freedoms, (...) we see the rise of a disturbing phenomenon in international life.

Trata-se do colapso gradual de um modelo político de representação e governança: a democracia liberal que se havia consolidado nos dois últimos séculos, à custa de lágrimas, suor e sangue, contra os Estados autoritários e o arbítrio institucional. [...] Dessa rejeição, em outros países surgem lideranças políticas que, na prática, negam as formas partidárias existentes e alteram de forma profunda a ordem política nacional e mundial. Trump e Brexit são expressões significativas de uma ordem pós-liberal, assim como a total decomposição do sistema político do Brasil. (CASTELLS, 2017, p. 8).

Para Yascha Mounk em sua obra “O Povo contra a Democracia”, de 2018, a definição de Democracias Iliberais é baseada em democracias sem direitos, fazendo analogia a ideias de semi-democracia ou um regime democrático falho. Para o mesmo, o liberalismo constitucional está fragmentado, principalmente sendo visto como a base para o rompimento de Democracias Liberais. Além disso, Mounk analisa a relação do declínio das Democracias Liberais e o surgimento de movimentos iliberais. Para o autor esta ascensão é apenas um aspecto da evolução política, principalmente nas primeiras décadas do século XXI, indicadas pelo ceticismo social em relação às práticas e instituições liberais.

Em suma, a Democracia Iliberal visa um poder executivo forte, observando e manipulando os freios e contrapesos democráticos, tribunais e outras instituições estatais, muitas vezes questionadas por não possuírem atribuições eleitorais, como impedindo a vontade da soberania do povo. Desta forma a narrativa social é construída e assim ganhando legitimidade dentro do cenário democrático, como observa Zakaria, Castells e Mounk, a discussão e definição de Democracia Iliberal passa por um processo de retrocessos não apenas na democracia, mas em matéria constitucional e de liberdades fundamentais.

As Democracias Iliberais ganham legitimidade quando existe uma aprovação e decisão favorável ao movimento iliberal em processo eleitoral, assim sendo considerado e definido com característica base de uma democracia. O maior perigo da definição e análise de uma Democracia Iliberal é o nível em que a mesma está atuando, principalmente em cenários habituados com instabilidades no campo político, social e econômico.

É importante salientar que a definição de Democracias Iliberais não pode ser confundida com outros movimentos políticos autoritários, podendo diferenciar este modelo dos outros baseado no formato de atuação mais minuciosa dentro do campo legítimo democrático. Assim delimitando as Democracias Iliberais onde já existiram e prevaleceram instituições do modelo político de Democracia Liberal, desta forma é importante salientar que democracias iliberais não possuem uma fórmula característica, porém possuem traços comuns, deste modo cada cenário deve ser analisado em diversos aspectos, como mencionado acima e que mais adiante veremos. Como menciona Zakaria:

Deve-se esclarecer, contudo, que ao analisar os relatórios de tais entidades, chega-se à conclusão de que apesar das semelhanças em vários aspectos, às democracias iliberais não são inteiramente homogêneas. Como existem diferentes tipos de democracia, diferem também os níveis de liberalismo entre elas, implicando desde “ofensas modestas” até mesmo “quase tiranias” (ZAKARIA, 1997).

A origem de Democracias Iliberais é a crise da Democracia Liberal, sendo sobretudo, uma crise generalizada, onde os campos econômico e político-institucional estão em colapso, além do crescente e pungente descontentamento social a este modelo de representação e governança. Em outras palavras, se fosse possível mensurar uma palavra chave para este descontentamento, falamos em Globalização, uma globalização de crises e levadas a globalização do interesse nacionalista, uma das principais características da origem das democracias iliberais. Como menciona Castells:

A Globalização da economia e da comunicação solapou e desestruturou as economias nacionais e limitou a capacidade do Estado-Nação de responder em seu âmbito a problemas que são globais na sua origem, tais como crises financeiras, a violação aos direitos humanos, a mudança climática, a economia criminosa e o terrorismo. (CASTELLS, 2017, p. 18).

Com uma visão mais ampla e histórica sobre estes movimentos (ZAKARIA, 1997) observa que cada onda de desenvolvimento democrático é seguido por variantes e novas alternativas para a democracia, principalmente em momentos de crise, buscadas por líderes ambiciosos e uma sociedade em desespero. Zakaria está analisando neste pensamento alguns movimentos que ocorreram no século XX, como um padrão comportamental da sociedade e do Estado, comportamento que pode ser desenvolvido nas entrelinhas democráticas e propagar ideias e ações iliberais de forma democrática.

Um padrão comportamental teórico está sendo difundido em diversas democracias em todo o mundo, principalmente nas primeiras décadas do século XXI, outro termo empregado é de Recessão ou retrocesso democrática, ampliando a definição de que este modelo não pode ser considerado progressista, mas está se desenvolvendo em nossa sociedade internacional, como menciona Barroso:

Nos últimos tempos, porém, alguma coisa parece não estar indo bem. Ao comentarem o período que se inicia em meados da primeira década do século XXI e vem até os dias de hoje, autores têm se referido a uma recessão democrática ou retrocesso democrático, [...] a erosão da democracia não se deu por golpe de Estado, sob as armas de algum general e seus comandados, o processo de subversão democrático se deu pelas mãos de presidentes e primeiros-ministros devidamente eleitos pelo voto popular. Em seguida, paulatinamente, vêm as medidas que pavimentam o caminho para o autoritarismo (BARROSO, 2020)

O liberalismo constitucional mencionado anteriormente é a base para a construção das características principais para a democracia liberal, principalmente sobre a limitação do poder e não seu acúmulo. A Iliberalização constitucional é uma construção ou uma destruição gradual destes mecanismos, sendo muito perigoso em questões sociais, políticas e internacionais, como mencionado Zakaria, “A democracia sem liberalismo constitucional não é simplesmente inadequada, mas perigosa, trazendo consigo a erosão da liberdade, o abuso de poder, as divisões étnicas e até a guerra”(ZAKARIA,1997).

Outra preocupação compartilhada com Zakaria é o conflito internacional, a guerra, a Teoria da Paz Democrática, em que outras palavras é uma paz liberal, baseada no pensamento de Kant a respeito da Paz Perpétua, sendo relacionado com a construção do liberalismo constitucional. Desta forma podemos entender que o iliberalismo constitucional e claramente a Democracia Iliberal tendem a fornecer uma instabilidade para o Sistema Internacional, desprezando todo um conjunto de regramentos e condutas para o não conflito.

Na próxima seção deste artigo, vamos aprofundar o caminho para o surgimento e implementação da ideia de Democracia Iliberal, com suas respectivas características comuns, já observadas por Zakaria e aumentada por Castells. Além do tijolo-a-tijolo para a ruptura de ideias e do ordenamento liberal.

### **3 O CAMINHO PARA A DEMOCRACIA ILIBERAL NO SÉCULO XXI**

O caminho para a Democracia Iliberal transpassa o caminho de ruptura ou a degradação da Democracia Liberal, como mencionado anteriormente. Teoricamente, a primeira é reflexo da desestabilização da segunda, possuindo um conjunto de motivações para

este retrocesso e características comuns observadas nos movimentos, que levam a construção da Democracia Iliberal.

A Globalização econômica, política e social podem aumentar os sentimentos de instabilidade em cenários de crises (CASTELLS, 2017). Apenas no século XXI podemos observar a Crise do Terrorismo Internacional, a Crise econômica de 2008-2009, a Crise Humanitária oriunda da Primavera Árabe, além da atual crise de 2020 causada pela Pandemia de COVID-19, alavancadas por diversas outras ocorrências regionais em toda sociedade internacional.

Políticos conservadores têm explorado as expectativas frustradas de milhões de pessoas em situação crescente de vulnerabilidade social e econômica, propagando as narrativas da Democracia Iliberal para obter soluções às suas custas, muitas delas causando ainda mais vulnerabilidades, utilizando como podemos denominar “A Política do Medo”<sup>3</sup>, para controle e submissão da sociedade.

Democracias Iliberais surgem e são desenvolvidas em uma perspectiva de descontentamento social. Cenários de crise geram eco social, que são ampliados por campanhas de ressurgimento do passado glorioso, e de culpabilização de seus problemas em princípios progressistas-liberais. Como Eric Hobsbawm menciona em sua obra sobre a História Contemporânea:

Se o presente era, em algum sentido, insatisfatório, o passado fornecia o modelo para reconstruí-lo de uma forma satisfatória. Os tempos passados eram definidos - muitas vezes ainda o são - como os bons tempos do passado, e é para lá que a sociedade deveria voltar. Essa concepção ainda está viva: no mundo inteiro as pessoas e os movimentos políticos definem a utopia como nostalgia: um retorno à boa e velha moralidade. (HOBSBAWM, 1998).

O impressionante é que estes movimentos iliberais estão se propagando, principalmente em países desenvolvidos e em desenvolvimento, onde existiram contribuições ativas aos desenvolvimento da Democracia Liberal e princípios progressistas. Em termos, o processo de globalização acarreta o desenvolvimento e a integração do mundo, porém qualquer fenômeno é capaz de desestabilizar a comunidade internacional, tanto em tendências sociais, econômicas e políticas.

Zakaria (1997) em seu estudo sobre Democracias Iliberais observa sobretudo os cenários ocorridos pós Guerra Fria, porém, observa que a estrutura de governança liberal no século XXI está em risco, principalmente porque reside dentro da democracia, onde todo o processo institucional é complexo, baseado no liberalismo constitucional, além de possuir relação direta a legitimidade social.

A Democracia Iliberal possui uma linha de raciocínio e de características comuns, como propagação de um líder forte ou salvador da Nação, não podendo ser denominado como populismo, mas uma característica fundamental da Democracia Iliberal. Além disso, a compreensão de inimigos nacionais e narrativas críticas a instituições e instrumentos autônomos do Estado, resultando em executivos fortes, parlamento e judiciário fracos, estrutura estatal nas mãos de poucos e baixa liberdade econômica e social.

A construção narrativa é fundamental para a Democracia Iliberal, assim sendo, sua propagação de forma assertiva, um discurso voltado às massas garante a sustentação de ações iliberais dentro da estrutura estatal. Juntamente com essa construção de uma narrativa própria do mundo, possuímos o desprestígio por narrativas consideradas “realistas” ou verídicas, oriundas de veículos de imprensa, organizações internacionais ou críticos de tal regime. Uma narrativa desenvolvida com um grau de populismo autoritário, como menciona Barroso:

---

<sup>3</sup> “A Política do Medo” é a denominação utilizada por Castells em sua obra sobre a crise da Democracia Liberal, para retratar o cenário de crise global.

Foi nesse cenário que se desenvolveu a vertente autoritária do populismo. Nela, líderes carismáticos, manipulando redes sociais, estabelecem uma comunicação direta com o povo, permitindo um tipo de política instantânea que passa as instâncias institucionais de mediação da vontade popular. Nessa linha, o populismo do século XXI, à semelhança de seus antecessores, apresenta as instituições que filtram e moderam a vontade popular como fraudes ao povo e capturadas por interesses de uma elite corrupta (BARROSO, 2020).

A imagem e culto do líder forte está associada ao salvador da nação, possuindo características nacionalistas e de extremo conservadorismo, sendo percebido como o centro das decisões e que busca constantemente absorver e desestabilizar outros núcleos de poder do Estado, promovendo esta figura como o “predestinado” a salvar a Nação contra o mundo globalizado de crises e dos “inimigos da nação”.

Outra característica é a narrativa do inimigo comum que possui diversificação em cada sociedade, observado por exemplo, os comunistas no Brasil, os mexicanos e chineses nos EUA, os Islâmicos em países europeus, entre outros. Porém, o sentido de culpabilização dos problemas internos a terceiros é uma característica comum e utilizada como argumento nas narrativas internas para reformas iliberais da estrutura do Estado.

Além disso, os movimentos que propagam e estabelecem as Democracias Iliberais sobretudo são movimentos identitários, sendo vistos como conservadores e que se consideram lesados pelo mundo globalizado, como menciona Castells os movimentos nacionalistas vem ganhando força em todo o mundo, como um sentimento de exclusão e de reivindicações alinhadas a Democracia Iliberal:

Uma parte da explicação para a força do movimento nacionalista é a importância que a política da identidade ganhou nos Estados Unidos, assim como no resto do mundo. Vários grupos étnicos e culturais [...] têm afirmado sua identidade específica e lutado pelos seus direitos. De repente, os homens brancos perceberam que ninguém falava de sua identidade. Desse sentimento de exclusão das manifestações culturais dominantes e das categorias protegidas em termos de direitos especiais, surgiu a necessidade de uma afirmação dos esquecidos da política identitária: o homem branco (CASTELLS, 2017, p. 51).

O grande perigo das Democracias Iliberais é devido ao seu formato de impregnação na estrutura estatal, iniciando-se de forma legítima. A construção narrativa mencionada anteriormente é fundamental para o controle das massas, assim correndo o perigo da Ditadura da Maioria, perigo este que James Madison advertia “o perigo da opressão” em *The Federalist*, ou Tocqueville advertia como “tirania da maioria” como um sinal de perigo no modelo democrático para minar a liberdade. Dentro do século XXI observamos que a Democracia Liberal está sendo minada por essa tirania, abrindo caminho para o modelo Democrático Iliberal.

Unindo a legitimidade democrática e a narrativa conservadora acusatória a princípios progressistas, as Democracias Iliberais se fixam, tijolo por tijolo, ato por ato, executivos fortes e uma sociedade acalorada levam a quebra de ideias e mecanismos liberais, ataques a instituições e, além disso, ao desprestígio do que foi a base constitucional liberal. As Democracias Iliberais são um caminho, um desenvolvimento político e social para o lado conservador ou para muitos o caminho errôneo que o mundo não deveria seguir.

Observamos que Estados Ocidentais estão experimentando graus diversos de iliberalização democrática, onde no recente século XXI, já possui todos os sinais e propulsores para sua germinação e legitimidade social. Este é o caminho político do século XXI ou apenas um deslize passageiro? Na próxima seção deste artigo vamos refletir sobre o futuro da democracia.

## 4 O IMPACTO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O avanço da Democracia Iliberal, extrapola os limites territoriais do Estado, e suas dinâmicas sociais internas. O processo de globalização, como mencionado anteriormente, é indicado como principal pilar para as atuais crises nacionais e internacionais, utilizada sobretudo como pretexto para a narrativa conservadora, ecoando o retorno do passado glorioso, como citado anteriormente, “os tempos passados eram definidos - muitas vezes ainda o são - como os bons tempos do passado, e é para lá que a sociedade deveria voltar”(HOBSBAWM,1998), tempos do passado utilizado para modelar tanto as políticas domésticas e para a atuação internacional.

Tempos passados que a atuação internacional, desde o final da Guerra Fria vem ganhando força em temas antes considerados seculares, como Direitos Humanos, Meio Ambiente e Pacificação Internacional, lembrando que estes temas eram considerados previamente a Guerra Fria, porém com o final deste período e a ascensão do modelo Ocidental foram ampliados. Com isso o desenvolvimento da Democracia Liberal e a hegemonia Norte-Americana no Sistema Internacional propagou a mensagem e ideias progressistas.

Com a atual fragmentação hegemônica Norte-Americana, podemos analisar dois fatos importantes para a mudança de rumo internacional, primeiro em relação a regimes de contraposição, como menciona Castells, “na China e na Rússia, consolidaram-se regimes autoritários que se constituem alternativas eficazes à Democracia Liberal” (CASTELLS, 2018), em realidade não consolidaram-se, mas ganharam mais poder relativo na balança de poder, em relação aos EUA e os demais Estados Ocidentais.

O segundo fato é relacionado diretamente com o anterior, a fragmentação das Democracias Liberal para o modelo Iliberal, o grande bastião da Ocidental, os EUA, em questão de décadas perde sua relativa hegemonia internacional e chega ao seu ápice com seu próprio processo Iliberal com Donald Trump, em 2016.

A fragmentação e ruína da Democracia Liberal e do Liberalismo Internacional além de minar os Estados e suas dinâmicas internas, colabora para uma fragmentação no funcionamento e poder de influência do sistema ONU. Sistema que possui uma estrutura mista, baseado em poder e cooperação. Estados regidos pela estrutura Iliberal veem o seus principais mecanismos, o Conselho de Segurança e a Assembleia Geral, com ganhos relativos, principalmente na manutenção e propagação da narrativa Iliberais.

Por outro lado, dentro das ramificações do sistema ONU, onde organizações internacionais e temas de todos os âmbitos são discutidos, é perceptível a propagação da narrativa Iliberal, baseada em “interferência internacional em assuntos domésticos”, sendo inadmissíveis na estrutura democrática iliberal e seus apoiadores, atores não nacionais inferir em temas internos. Por exemplo, a saída dos EUA da OMS, anunciada em 2020<sup>4</sup>, visto que a mesma não mais atendia as necessidades Norte-Americanas e estava sendo “orientada ao erro” em relação aos acontecimentos da Covid-19, por interferências internacionais. Outro exemplo é a narrativa do atual executivo brasileiro na Assembleia Geral em relação ao Meio Ambiente, primeiramente negando acontecimentos e logo após criando uma instabilidade a não permissibilidade de interferências internacionais em território brasileiro.

Ambos exemplos vislumbram o risco que o sistema ONU e suas ramificações sofrem por posicionamentos ultra-conservadores, principalmente em temas antes debatidos na esfera internacional. A grande pergunta é se a ONU e suas ramificações estão em risco de falência? Não, mas como mencionado nos exemplos acima é importante analisar e tomar precauções em relação ao caminho e o destino que este sistema quer mapear. Sendo importante lembrar

---

<sup>4</sup> O efeito apenas teria início em julho de 2021, não consolidado, visto que o atual presidente dos EUA, Joe Biden, desfez a antiga intenção.

que sua predecessora a Liga das Nações<sup>5</sup> sucumbiu por diversos motivos, mas um deles foi a perda de legitimidade ligada ao autoritarismo presente na década de 1930.

Sem dúvidas, os movimentos autoritários deste período não podem ser comparados em grande medida com as Democracias Iliberais, porém como já mencionado na seção sobre o caminho das Democracias Iliberais no século XXI, a mesma é perigosa, impregnando-se de forma constante e com pouco alarde na estrutura, nas suas práticas e ações. Podendo desta forma, impactar na agenda de discussões, ações e recomendações em diversos temas chave e sobretudo como um espaço para evitar conflitos e possíveis guerras. Como menciona Bizawu em seu artigo sobre a crise da globalização:

Neste sentido, resta claro que surja uma nova força antagônica à integração dos países, pautada em uma tendência protecionista e isolacionista, o qual a prioridade não é a solução para questões econômicas, sociais, políticas e muitos menos ecológicas, que enfim, deveriam ser resolvidas na efetividade de ações cooperadas entre países (BIZAWU, 2017).

Outro fenômeno crescente está ligado diretamente com as relações diplomáticas entre os Estados, podendo denominar-se como “Diplomacia Hostil”, onde constantemente é utilizado as estruturas estatais ou paralelas para difamar ou agredir outro Estado, discursos culpabilizando determinado acontecimento, comparações com viés preconceituoso e afins, condutas que se não controladas podem inflamar tensões regionais e internacionais.

Como menciona Zakaria (1997) a paz democrática é na verdade uma paz liberal, ligada diretamente com a Teoria da Paz-Democrática, significando que onde existem democracias ocorre um alto grau de hesitação ao início de conflitos armados, em relação a outras democracias. A questão chave desta relação é que a democracia "pacífica" é liberal possuindo idéias de liberalismo constitucional, onde existe o respeito aos direitos humanos, a de freios e contrapesos entre os poderes e uma economia de cooperação e integração internacional.

Assim sendo, observamos anteriormente que a Democracia Iliberal enfraquece todos esses preceitos liberais, assim desenvolvendo uma constante ruptura entre o conceito de democracia significando paz, sendo importante diferenciar a Democracia Iliberal como a democracia da hostilidade. Possíveis conflitos internacionais podem ocorrer advindos deste desenvolvimento, como menciona Castells:

Um planeta no qual a ameaça de um holocausto nuclear continua vigente pela loucura de endeusados governantes sem controle psiquiátrico. E no qual a capacidade tecnológica das novas formas de guerra, [...], prepara conflitos possíveis mais atrozes do que os vividos no século XX. Sem que as instituições internacionais, dependentes dos Estados, e portanto da pequenez de objetivos, de corrupção e falta de escrúpulos daqueles que os governam, sejam capazes de pôr em prática estratégias de sobrevivência para o bem comum (CASTELLS, 2017, p. 145 - 146).

O impacto da Democracia Iliberal para as Relações Internacionais pode ser compreendida como um período de transição e mudança para o cenário internacional, podendo voltar e ou inflamar instabilidades entre Estados, dentro de um pensamento de diplomacia hostil. A atual Política Internacional começa a sentir narrativas anti-globalistas e suas implicações, o grande paradoxo que está se criando no século XXI está relacionado a como sustentar de um lado um sistema globalizado e um modelo democrático hostil a iniciativas e atuações internacionais.

---

<sup>5</sup> A Liga das Nações foi criada em 1919, sendo seu principal objetivo servir de espaço para discussões entre as nações e assim evitar futuras guerras.

## 5 REFLEXÃO SOBRE O FUTURO DA DEMOCRACIA

O futuro da Democracia Liberal transpassa entender que historicamente este modelo é de constante desenvolvimento e adaptação perante respectivos papéis e influências dentro do Estado e na contribuição da comunidade internacional. A democracia sendo considerada até os dias atuais o modelo que mais contribuiu para o desenvolvimento da sociedade até agora.

Entender que a democracia tende naturalmente se desenvolver é importante para observarmos a Democracia Iliberal, caminhos de desenvolvimento que podem ser tanto para regressistas e progressistas ou como popularmente chamado, caminho perigoso e natural. Zakaria (1997) já refletia sobre os fenômenos que desenvolveram a Democracia, levando para um futuro perigoso com a Democracia Iliberal:

Hoje, em face da propagação do vírus do iliberalismo, o papel mais útil que a comunidade internacional, e mais importante os Estados Unidos, pode jogar é em vez de buscar novas terras para democratizar e novos lugares para realizar eleições, para consolidar a democracia onde ela se enraizou e encorajar o desenvolvimento gradual do liberalismo constitucional em todo o mundo. A democracia sem liberalismo constitucional não é simplesmente inadequada, mas perigosa (ZAKARIA, 1997)<sup>6</sup>

O vírus iliberal se propagou, principalmente em países desenvolvidos, até mesmo nos EUA, visto por Zakaria como o "líder" na defesa da Democracia Liberal. Naquele momento a propagação se delimita em países frágeis democraticamente, onde sua disseminação possuiu maior êxito, porém já se apontava uma reflexão preocupada sobre a propagação dos ideais iliberais em países desenvolvidos atualmente percebidos.

Como podemos observar o atual sistema político democrático Ocidental está passando por transformações, assim analisando o atual cenário, voltado a constantes crises de âmbitos diversos, podemos presumir que o desenvolvimento da Democracia Iliberal continuará, em certo grau mais superficial em países desenvolvidos, mas de forma muito ativa em locais onde as instituições democráticas são mais frágeis ou que tenham sofrido acentuadamente pelas atuais crises globais.

O desenvolvimento iliberal pode ser percebido de diferentes formas e graus, dependendo principalmente das relações econômicas, sociais e políticas de determinado Estado. Porém, como já é possível analisar, em países como EUA e Brasil, a Democracia Iliberal cresce e floresce dentro de uma linha de raciocínio, um caminho para sua implementação e ruptura da atual estrutura, como descrito no tópico anterior.

A Democracia Iliberal é o fruto de momentos difíceis que a comunidade internacional vem passando, oriundos por crises em todos os âmbitos primários, sobretudo, transformar a Democracia passa principalmente pela legitimidade do poder do povo, assim apoiado pelos mesmos. O modelo propagado pelos bastiões ocidentais está sendo corroído de dentro para fora, presenciamos o desenvolvimento de uma nova ordem democrática e a velha como menciona Castells:

[...] a velha ordem já não existe e a nova ainda está para nascer. O que pressupõe a necessidade de uma nova ordem depois da crise. Mas não se contempla a hipótese do caos. Aposta-se no surgimento dessa nova ordem de uma nova política que substitua a obsoleta democracia liberal que, manifestamente, está caindo aos pedaços

---

<sup>6</sup> Tradução do Autor: Today, in the face of a spreading virus of illiberalism, the most useful role that the international community, and most importantly the United States, can play is—instead of searching for new lands to democratize and new places to hold elections—to consolidate democracy where it has taken root and to encourage the gradual development of constitutional liberalism across the globe. Democracy without constitutional liberalism is not simply inadequate, but dangerous.

em todo o mundo, porque deixa de existir no único lugar em que pode perdurar: a mente dos cidadãos. (CASTELLS, 2017, p. 144).

As últimas crises que o mundo vem observando, faz com que possamos analisar que a Democracia Liberal cada vez mais é vista como algo ultrapassado ou que não corresponde à maioria da sociedade. Se a democracia liberal é ultrapassada, como podemos concordar e perpetuar ideias democráticas iliberais de retrocesso?

O futuro democrático é incerto, não apenas por questões iliberais, mas como característica do próprio modelo e seu desenvolvimento constante, porém com a propagação viral do iliberalismo as condições para uma reflexão sobre a democracia podem ser mais incertas, visto que presenciamos o olho do furacão.

Antever o futuro da democracia é complexo e por muitas vezes errôneo, sendo necessário uma análise profunda do Estado em questão e como vem se comportando com a experiência da Democracia Iliberal, Zakaria (1997) analisa em sua obra experiências de países subdesenvolvidos nos anos 1990, possuindo uma reflexão sobre as primeiras décadas do século XXI, com preocupação principalmente. Três experiências iliberais são importantes de serem vistas, a Hungria de Orban, os EUA de Trump e o Brasil de Bolsonaro.

A consolidação de líderes como Trump, Bolsonaro e Orban não podem ser entendidos como ignorância ou falta de consciência de suas respectivas sociedades, mas sim uma linha de raciocínio construída por cada indivíduo para superar os atuais problemas do mundo. Em todos estes casos, o processo legítimo eleitoral aconteceu e foi legitimada a vontade popular, baseada nos seus respectivos modelos eleitorais, além disso, suas narrativas foram abertas a culpabilização aos inimigos comuns, sendo a globalização o principal, mas os imigrantes, os comunistas e os Chineses os expoentes narrativos para sua consolidação, importante é que desde suas primeiras movimentações já possuíam características e narrativas iliberais.

Outro fator importante é o grau de desenvolvimento democrático destes Estados, possuindo relação direta de como a impregnação iliberal vai possuir sucesso ou não. Orban encontrou uma Hungria calorosa contra os ideais integracionistas europeus e uma sociedade contra ideias progressistas, juntando com a juvenil democracia húngara as ações iliberais de Orban de reformulação institucional tiveram êxito.

Já no Brasil, Bolsonaro também encontra a sociedade brasileira em ebulição e sedenta por mudanças, assim desde 2019 se busca a consolidação de práticas iliberais como o controle ideológico com viés conservador e o descrédito das instituições, a juvenil porém complexa democracia brasileira vem respirando por aparelhos as constantes tentativas de submissão e ruptura do liberalismo constitucional.

Ambos exemplos anteriores possuem em certo grau de sucesso em suas implicações e narrativas iliberais, a Hungria até os dias atuais vem firmando a consolidação iliberal e o Brasil continua nos momentos iniciais e críticos de experiência desta ruptura. Como já mencionado, o grau de democratização institucional de um Estado é importante, o exemplo dos EUA com Trump é marcante, uma sociedade em chamas por mudanças conservadoras e as constantes tentativas de ruptura da Democracia Liberal, controladas pelos freios e contrapesos legais, levaram à estagnação norte-americana domesticamente e no campo internacional, mesmo com a vitória de Biden em 2020, suas marcas iliberais permanecem no coração da sociedade e pode perdurar por décadas, por meios de movimentos conservadores que permanecem com a disseminação da narrativa paralela iliberal.

Qual o nível de amadurecimento democrático-institucional de determinado Estado? Baixo, médio, alto? Dependendo da resposta podemos refletir e assim mapear quais são as predestinadas democracias que tendem a sofrer com o processo de iliberalização. Prever o futuro como já mencionado é um erro, porém analisar os sinais democráticos é fundamental para o futuro da democracia e sobretudo para as Relações Internacionais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A combinação de crises mundiais, movimentos antiglobalização e protecionistas em uma sociedade vulnerável e frustrada é a combinação perfeita para a ruptura da Democracia Liberal, modelo baseado no poder do povo e nas prerrogativas Constitucionais Liberais, que a havia consolidado nos dois últimos séculos, à custa de lágrimas, suor e sangue (CASTELLS, 2017).

Desta forma com a análise de Zakaria, Castells e Mounk, a Democracia Iliberal é a institucionalização do processo gradual de ruptura da estrutura constitucional liberal, possuindo como base o iliberalismo e conservadorismo democrático, promovido por movimentos conservadores, tais agressivos de controle e submissão, com base em um executivo forte e reconhecimento de uma parcela da sociedade.

O caminho para esta legitimidade é a relação constante de crises no século XXI se demonstrando perigosa ao processo de desenvolvimento de direitos universais e a globalização, sob o argumento narrativo negacionista, culpabilizando terceiros, baseado na necessidade de reconstruir o mundo com pensamentos voltados aos passados gloriosos de suas nações.

Casos como Trump (Estados Unidos), Bolsonaro (Brasil) e Orbán (Hungria) demonstram os alinhamentos comuns entre estes movimentos iliberais, além do grau de ruptura que os mesmos sofrem. Contudo, estes são alguns exemplos que são disseminados em outros países no continente Americano e Europeu.

Todavia, a perigosa e sorrateira implementação Iliberal causa um desequilíbrio tanto na estrutura doméstica como em uma tendência de mudança na ordem mundial, o principal exemplo, seria a partir de 2016, quando os EUA, bastião da Democracia Liberal, possui seu próprio experimento Iliberal com Trump, resultando um vácuo na balança de poder, incitando o ressurgimento de práticas hostis, tanto nas atuações diplomáticas, como também em temas paralelos, como economia e comunicações.

Conclui-se desta forma que uma nova tendência política vem emergindo no século XXI, a Democracia Iliberal é um processo natural, porém prejudicial para a Democracia, sendo difícil ser combatida, pelo seu caráter legítimo de implementação. Desta forma expandindo suas ações e práticas como um vírus no sistema internacional. Fortalecer as instituições, baseados no Liberalismo Constitucional é de suma importância, desta forma para sustentar os alicerces de uma Democracia em fragmentação, não por agentes externos, como no passado, mas de dentro para fora, como uma insurgência iliberal.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, Luís Roberto. **Democracias iliberais, direitos humanos e o papel dos tribunais internacionais**. Palestra do Ministro Luís Roberto Barroso. Jota Info. 2020.

BIZAWU, Sebastián. A Crise da Globalização: Um estudo sobre os efeitos do Brexit e da Política do Governo Trump. **Cadernos de direito actual**, n. 7, 2017. Disponível em: <http://www.cadernosdedereitoactual.es/ojs/index.php/cadernos/article/view/226>

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Madrid: Editora Zahar, 2017.

HOBBSAWM, E. J. **Sobre história Contemporânea: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DONIN, Douglas. **Democracia Iliberal: de Hungria e Rússia a Europa e América.** Dossiê Democracias Comciência, 2019. Disponível em: <https://www.comciencia.br/democracia-iliberal-da-hungria-e-russia-europa-e-america/>

MEYER-RESENDE, Michael. **Maioritarismo Iliberal ou o Autoritarismo encapotado: Qual o problema da Europa?** *Relações Internacionais*, p. 65-73, 2018. Disponível em: [http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista\\_ri/pdf/ri59/RI\\_59\\_art05\\_MMR.pdf](http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri59/RI_59_art05_MMR.pdf)

MILLIKAN, Brent. **Trumpismo e Bolsonarismo: Semelhanças alarmantes.** *El País*, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/28/opinion/1540741974\\_135426.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/28/opinion/1540741974_135426.html)

MOUNK, Yascha. **El pueblo contra la democracia.** Barcelona: Editorial Paidós, 2018.

RUPNIK, Jacques. “The Specter Haunting Europe: Surging Illiberalism in the East.” **Journal of Democracy**, v. 27, n. 4, p. 77–87, 2016.

ZAKARIA, Fareed. **The Rise of Illiberal Democracy.** *Foreign Affairs*, 1997. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/1997-11-01/rise-illiberal-democracy>.